

Um Colóquio Sobre o Ensino das Línguas Clássicas ou A Obrigação de ser Indefinidamente Actual

*Victor Jabouille**

Manda o ritual dos conclaves científicos que sejam proferidas algumas palavras iniciais de circunstância e de apresentação. Começo, assim, por dar as boas-vindas aos convidados, que aqui estão por inerência de cargo e de responsabilidade, e aos que aqui estão *sponte sua*. A estes, deixo todo o espaço do Colóquio para ouvirem, criticarem, apoiarem, inovarem, participarem. É para eles – para nós – que este encontro científico foi organizado. Para os primeiros – e para alguns convidados ausentes – dirijo, embora não exclusivamente, as palavras de abertura.

Os presentes são, maioritariamente, os representantes e defensores de uma cultura que define o *homo occidentalis*. De facto, a cultura ocidental deve, em grande parte, a sua definição ao substrato clássico. Não nos devemos esquecer, contudo, da essencial base judaico-cristã. E, porque estamos em Portugal, recordemos também a muçulmana. Os classicistas são, assim, os membros minoritários de uma comunidade cultural activa que serve também para mostrar e demonstrar que Portugal, membro de pleno direito da C.E.E., tem um efectivo interesse pelos valores que definem a sua tradição e a sua idiossincrasia.

Mais do que pelo prazer lúdico de *aves rariae*, estamos aqui porque consideramos que temos um lugar importante no sistema educativo do Portugal do futuro – tal como tivemos no Portugal do passado – e na definição das verdadeiras e intrínsecas coordenadas de intervenção e realização nos domínios da educação e da cultura.

Foi assim no passado, porque uma cultura constrói-se na adequação dos valores tradicionais ao comportamento actual; será assim no futuro, porque uma cultura despojada de conteúdo próprio é sinónimo de dependência, de cópia, de aparência, de ignorância, de abdicação, em suma, de morte ignorada e sem aquela beleza que a morte épica, que bem conhecemos, deve ter. Afirmar a originalidade e a personalidade portuguesas não é identificarmo-nos com padrões, comporta-

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mentos, princípios ou actuações de importação; é, sendo coerentes com a nossa tradição, sermos contemporâneos e internacionais. É internacional, no quadro da cultura portuguesa, não quer apenas dizer europeu.

Tomando como elementos de referência os Colóquios sobre o ensino do latim realizados em Coimbra, em 1973, e em Lisboa, em 1987, podemos dizer que este Colóquio agora inaugurado se justifica pela necessidade sentida pelas pessoas do latim e do grego de se reencontrarem, trocarem experiências, analisarem e debaterem a situação actual da sua área específica de saber e de intervenção e, ainda, de ponderarem as perspectivas que se apresentam para o futuro. Ultrapassamos a fase do lamento e da palinódia concertados em torno das virtualidades e do carácter excelso dos valores clássicos. Temos o que temos, somos o que somos; devemos afirmarmo-nos institucionalmente num quadro actual, e projectado para o futuro. Por isso, na perspectiva de continuidade passado-presente-futuro, este Colóquio realiza-se no âmbito das comemorações dos 80 anos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, herdeira da primeira Escola da sete vezes centenária Universidade Portuguesa.

Falar do ensino das línguas clássicas hoje, num cenário comunitário, poderá parecer aberrante⁽¹⁾. Aqueles que, há cerca de um ano e meio, tivemos a oportunidade de participar, no Forum Picoas, em Lisboa, na iniciativa da União Latina de discutir a temática "Utilidade do Latim nos dias de hoje", fomos surpreendidos com a adesão de um público imenso ao tema e à sua oportunidade. Temos de admitir, para sermos realistas, que, após tal evidência, ao juntarmo-nos não periodicamente para nos ouvirmos dizer que, no quadro institucional, educativo e cultural, nacional e internacional, somos indispensáveis é prova de inépcia ou de procura de identidade pessoal ou de pouca convicção. Permito-me, aqui e agora, na presença de tão ilustres autoridades, perguntar se, de facto, os classicistas acreditam nos clássicos. E os outros, acreditam nos classicistas?

Falar em reformas educativas – ou realizá-las, o que é mais grave – sem uma profunda análise do conjunto cultural que constitui a tradição portuguesa, sem o levantamento exacto do parque de ensino, e, procurando o moderno e actual, promover a substituição do modelo existente por estratégias importadas – e por vezes já fracassadas na origem –, na ânsia pacóvia de parecer estrangeiro, é um perigo que não devemos continuar a correr... Não nos parece que seja esse o caminho autêntico do progresso e do futuro. Vem a propósito, parece-me, referir Aristóteles e a afirmação de que o homem é um animal político, isto é, um ser da *polis* e na *polis*. E a *polis* é uma unidade personalizada em cada concretização, não uma forma idêntica para uma multidão de seres iguais e programados de uma muito limitada forma gerada *in vitro* por uma qualquer dependência ministerial.

Um colóquio sobre o ensino de línguas é, em qualquer momento e em qualquer lugar do mundo, um *forum* de discussão, questionador, uma base de inter-

venção e de desenvolvimento. As línguas e a cultura que ensinamos são intemporais e nelas radica grande parte do falar, do agir, do criar, do sentir e do fazer da sociedade ocidental. Mas, porque somos agentes culturais e agentes num processo de ensino-aprendizagem, este Colóquio deve também ser um momento de reflexão, de análise do trabalho realizado e de propostas para o futuro.

Um olhar discreto, ou não, sobre o material de orientação e de suporte existente – currículos, programas, métodos, textos propostos, planificações, etc. –, é não poucas vezes confrontado com ausência de entusiasmo e de convicção, ou, o que quiçá é pior, com um superior distanciamento retórico em relação à realidade e à actualidade. Inova-se por moda, escolhendo, por regra, a aparência, isto é, a roupagem exterior, sem a correspondente transformação intrínseca. Alterar e modificar é, quantas vezes, reflexo do momento e não de problematização assumida. Aceita-se o nosso tão clássico destino – *moira, dike, fatum* ou qualquer outra designação –, agravado pelo ancestral fatalismo árabe, sem se verificar se é adequado. *Faber est quisque suae fortunae*, como dizia Ápio Cláudio. E a *fortuna* do ensino das línguas clássicas é também obra nossa.

Devemos ter a humildade de reconhecer a nossa ignorância e aprender com quem sabe mais do que nós; devemos ter também a humildade de ensinar a quem sabe menos do que nós. E quantas vezes, em encontros internacionais mesmo em domínios "de ponta", como a informática aplicada, verificamos que não somos os mais ignorantes nem os mais desactualizados. Por outro lado, lamentamo-nos, com razão, mas nem sempre realizamos o que propomos. Dizemos, por exemplo, que é necessário "salvar" o grego, renovar o seu estudo. Não fomos, contudo, capazes de justificar e de impor uma estrutura curricular no ensino secundário com espaço físico para a presença obrigatória dessa disciplina. Sabemos, caso contrário não estaríamos aqui, quão importante é a matéria proporcionada pelo estudo do grego para a formação do indivíduo universal, que será o homem do futuro. Mas, com honrosas excepções, não defendemos a existência de horários de grego nas nossas escolas, chegando até ao ponto de recusar o seu ensino. Refiro, naturalmente exemplos extremos, mas reais.

Este Colóquio é também um exemplo do que acabo de afirmar. Inicialmente proposto como Colóquio sobre o ensino do latim, é realizado como Colóquio sobre o ensino das línguas clássicas (grego e latim) por decisão, acertada, da Comissão Científica de Estudos Clássicos desta Faculdade. Num total de vinte e sete comunicações apenas três são especificamente dedicadas ao grego. O entusiasmo e espírito de missão destes três colegas deve ser particular e efusivamente saudado, mas oponhamo-nos a que o exemplo seja regra ou tenhamos a coragem de assumir uma solução menos romântica e mais realista. Tudo em nome da cultura.

Quanto ao latim, depois de um período de euforia provocado pelo aumento do

número de estudantes, quer no ensino secundário quer na Universidade, começamos a ser confrontados com uma outra realidade. De facto, a origem da procura da disciplina de latim pelos jovens estudantes do 10º ano de escolaridade não se deveu a uma exclusiva e generalizada compreensão da vantagem em aprender latim num país de língua novi-latina, mas foi, tão somente, consequência das exigências de acesso – que persistem – por parte de algumas Faculdades de Letras e de Direito. Ao divulgarem-se os meios de fuga, o número de estudantes, ainda elevado, diminuiu naturalmente. Refira-se que a actual definição dos grupos de docência no ensino secundário – grupos que se devem rever – tem possibilitado que muitos colegas não oriundos de uma formação em estudos clássicos pertençam ao 8º A e tenham assumido, com resultados positivos, a defesa do latim. O perigo não deixa, porém, de existir.

Podemos sempre culpar a superestrutura ou a sociedade materialista e tecnicista por esta deserção. Mas não teremos também alguma culpa? E, contudo, muitos de nós prosseguimos a cruzada, ou, imagem que prefiro, a cavalgada em defesa da nossa dama, correndo, por vezes, o risco de confundir humilde e boçal taverneira com dama de alta estirpe, como aquele *hidalgo* de la Mancha. O aluno é o público-alvo que devemos ter em conta. Por muito prazer que nos dê ensinar grego e/ou latim, temos de ter presente o público, a evolução natural da sua caracterização, a alteração dos condicionalismos exteriores, dos centros de apelo e dos meios de comunicação. Sem pactuar com a cedência ou com a realização inferior, é necessário saber ser actual.

Há problemas essenciais de carácter científico e pedagógico-didáctico que, por serem condicionantes de posicionamentos pragmáticos, devem ser pública e profundamente debatidos. O importante não é, numa outra guerra de Alecrim e Mangerona, saber só quem tem razão, mas agir, pelo menos, de acordo com uma razão. Exemplifiquemos: no âmbito do ensino do inglês e do alemão, debate-se⁽²⁾ o critério de escolha dos textos, quer para a fase de iniciação, quer para uma mais avançada. Textos autênticos ou textos forjados, textos coloquiais ou textos literários, textos populares ou textos eruditos, textos verbalizados ou textos não verbalizados? Mesmo em Portugal este problema foi analisado para as línguas referidas⁽³⁾.

No caso de latim, o recorrermos, em nome da facilidade, a textos forjados no nível básico e o consideramos como textos autênticos os de autores como Lhomond deve ter subjacente uma prévia opção científica e pedagógica-didáctica. Pessoalmente, prefiro ao sensaborão *Roma est in Italia* latim autêntico como *Marcellus Praenestinam amat*⁽⁴⁾, *graffito* gravado numa parede de Pompeios que possibilita até algumas considerações poéticas e culturais (*John loves Mary* ou *o João ama a Maria*). O que importa realçar, repito, é a necessidade de se ter

consciência das opções feitas. Uma escolha, mesmo aparentemente inócua como manter a grafia do *j* e do *v*, representa uma opção científica fundamental e definitiva que deve ser permanentemente mantida.

Os problemas são muitos, e, mais do que abrir uma via de discussão, gostaria que esta apóstrofe inicial fosse, sim, uma via que assinale o encerramento de erros, disputas, questiúnculas e inoperâncias. Estamos aqui para trabalhar sobre problemas concretos da nossa área científica, pedagógica e didáctica e para debater e definir aspectos teóricos gerais. Não pretendemos discutir programas ou assumir atitudes de natureza sindical. Não se deve, porém, perder a oportunidade para reclamar uma maior atenção para os problemas profissionais e científico-pedagógicos. O verdadeiro investimento para um real progresso é na área da cultura, pois ela é o efectivo indicador do estágio de desenvolvimento de um Estado moderno. E se o conceito de cultura é amplo e abrangente, ele integra, valorizando, as *Humanitates*, que aqui representamos. E só com uma real dignificação da carreira docente e do estatuto de professor se pode realizar a contento uma reforma educativa. Saliente-se que o problema das línguas e das culturas clássicas é apenas um aspecto de uma problemática maior e mais profunda, que pressupõe a definição de uma autêntica política nacional de Cultura e de Educação. É também nessa área que temos o dever de ser intervenientes e não meros espectadores. A aprovação de um "Acordo Ortográfico" concreto ou a extinção de um organismo coordenador e financiador da investigação científica como o I.N.I.C. (acto que põe em perigo a continuidade de revistas como a *Euphrosyne* e a *Humanitas*), são, a par de muitas outras, medidas que nos deixam perplexos e preocupados e que podem provocar, através de um natural desalento, o abandono de toda a acção de desenvolvimento cultural e educativo. Nós não queremos que, tal como já foi feito a propósito do planeta Terra, nos digam, daqui a uns anos, que tínhamos razão, que a temperatura está de facto a subir e que caminhamos para a desertificação generalizada. Como não queremos uma desertificação cultural, encontramos-nos aqui também para afirmar que vale a pena lutar e para definir os modos de realizar essa luta, se necessário.

Gostaria de agradecer a todos os que possibilitaram a realização deste Colóquio, apoiando-o, realizando actividades paralelas ou participando nos trabalhos. Permitam-me uma saudação especial ao nosso convidado Prof. Marius Lavency, professor jubilado da Universidade de Lovaina-a-Nova e autor de vários trabalhos para o ensino do latim. M. le Professeur Marius Lavency, je vous souhaite la bienvenue à la Faculté des Lettres de Lisbonne et à notre Colloque. Um agradecimento também muito especial aos membros da Comissão Organizadora, que possibilitaram a realização deste Colóquio, e aos funcionários da Faculdade que têm estado e vão continuar connosco.

As últimas palavras são, naturalmente, de agradecimento aos nossos convi-

dados pela honra da sua presença nesta sessão de abertura. O terem aqui estado é, para nós, uma esperança de ainda podermos ser ouvidos e de que o nosso trabalho será recompensado em vida. *Vita hominum altos recessus magnasque latebras habet*(5).

NOTAS

- (1) Ver, a propósito da dimensão europeia dos clássicos, Peter Wülfing, "La Guerre des Gaules de César, un texte constitutif de l'identité européenne", *Classica*, 17, 1992, pp. 1-18.
- (2) Cf., p.e., Hans-Werner Klein, "Deutsche Text für junge Leser", *DIFF* (Studienheft 3), Tübingen, 1984; Christof Edelhoff, *Authentische Texte in Deutschunterricht*, Hueber Verlag, 1985; Carl James, "Authentic Materials for ELT: Definition and use", *Newsletters*, III, 3, 1982.
- (3) Margarida Vilela, "O texto autêntico no ensino do Inglês e do Alemão", *Actas do 1º Encontro Nacional de Didácticas e metodologias de Ensino*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1988.
- (4) *C.I.L.*, IV, 7679.
- (5) Plin., *Ep.*, 3, 6.